

O Itamarati e o Artista

RUBEM BRAGA

1232

A CHO lamentável a orientação da nossa política externa, de submissão perfeita aos Estados Unidos e conluio com ditaduras como a lusitana, que nos leva a abdicar de uma posição anticolonialista e antirracista que exprime ao mesmo tempo o sentimento e o interesse da Nação. Tenho evitado, entretanto, fazer ataques pessoais, por mais que me pareça lamentável o general Juraci Magalhães como diplomata e por menos simpatize com as convicções direitistas do sr. Pio Correia. Registre-se que mesmo os adversários do ministro interino reconhecem a sua capacidade de trabalho e o dinamismo com que comanda a máquina burocrática da Casa, embora condenem certas medidas que vêm adotando.

O que desejo hoje, porém, é chamar a atenção dos responsáveis para um pequeno fato, sem importância em si mesmo, mas que compromete as melhores tradições de nossa chancelaria. Integrada em grande parte por homens de um nível cultural bastante elevado em relação aos quadros de outras chancelarias, a nossa administração diplomática sempre mostrou apreço pelos valores da arte e da cultura. Embora deixe de fazer muita coisa pela exigüidade de verbas e às vezes faça coisas erradas, a verdade é que o Itamarati tem prestigiado os nossos artistas e intelectuais com uma grande freqüência, e desde os tempos do Império. O caso de que vou tratar me parece, por isso mesmo, estranho.

O diplomata encarregado de supervisionar a construção e decoração de um edifício fez a um artista a encomenda de um trabalho, sem com ele combinar com antecedência o preço. Não importa se foi omissão sua, ou culpa do próprio artista, sempre inábil e ingênuo em coisas de dinheiro. O fato é que, feita a sua parte, o artista, a pedido do homem do Ministério, mandou uma carta propondo uma certa remuneração. Posso garantir, pois sou bem informado sobre os preços de nosso mercado de arte, que o orçamento do artista foi mais do que razoável, foi modesto. A reação foi inesperada e grosseira. O diplomata responsável, depois de aludir a outros gastos e à exigüidade de suas verbas, declarou que só pagaria a terça parte do que o artista pedira! Decretou, de maneira decidida, que só pagaria tanto — e pronto. Depois de mais de cinco meses de trabalho difícil e delicado, como todo trabalho de criação, viu-se o artista tratado como um fornecedor de mantimentos que cobrasse pelo feijão de terceira o preço de feijão de primeira.

Sei muito bem que as coisas de arte e de cultura não estão muito valorizadas no atual regime. Seria de esperar, porém, que ao menos no Itamarati, onde há tantos homens de cultura — inclusive o próprio funcionário que entra nesta história —, houvesse mais apreço por um artista que é dos maiores que nós temos e que só vai ser prejudicado, e gravemente, porque não tem esperteza comercial nem jeito para fazer dinheiro. Que remédio haverá para o caso? Não vejo nenhum, a não ser uma reconsideração dessa atitude grosseira e descabida, tomada, talvez, em um momento de mau humor.

23-9-66

162